

DITADURAS D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR: O GOLPE MILITAR NO BRASIL NA VISÃO DE UM CENTENÁRIO PERIÓDICO PORTUGUÊS (MARÇO-ABRIL DE 1964)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO: Estudo da implantação do regime autoritário no Brasil a partir da perspectiva do centenário jornal português *Diário de Notícias* expressa entre março e abril de 1964. A construção discursiva do periódico esteve plenamente articulada com o Estado Novo, refletindo a legitimação do modelo ditatorial.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil, Portugal, imprensa, regime autoritário, 1964.

ABSTRACT: Study of the implementation of the authoritarian regime in Brazil from the perspective of the centenary Portuguese newspaper *Diário de Notícias* expressed between March and April 1964. The discursive construction of the journal was fully coordinated with the Estado Novo, reflecting the legitimacy of dictatorial model.

KEYWORDS: Brazil, Portugal, press, authoritarian regime, 1964.

As fortes inter-relações entre Brasil e Portugal prendem-se às profundas e tradicionais raízes históricas que unem ambos os países desde a época colonial. Essas seculares relações estenderam-se bem além da própria emancipação política brasileira, tendo períodos cíclicos de aproximação, afastamento e até ruptura, predominando uma tendência mais harmônica entre as duas nações. Após a independência, a perspectiva

* Professor da FURG. Doutor em História – PUCRS. Pós-Doutorado junto ao ICES/Portugal (2009). Pós-Doutorado junto à Universidade de Lisboa (2013).

predominante era a de rompimento, mas logo falaram mais alto os laços em comum, mormente no que tange à forma de governo e à dinastia reinante, além da formação de uma vasta colônia lusa em território brasileiro. A transição para a nova forma de governo no Brasil e as várias crises daí advindas traria um clima de desacertos entre a jovem república e o monárquico estado luso, resultando, inclusive, no fechamento das interfaces diplomáticas. Tal situação de certo antagonismo seria vencida paulatinamente, com fatores de reaproximação como o reatamento diplomático, a arbitragem lusitana na questão anglo-brasileira em torna da posse da Ilha da Trindade e das comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil, culminando com a implantação da república portuguesa, colocando os dois países sob a égide do republicanismo. A partir de então, ambas nações passariam por períodos de predomínio de modelos liberal-democráticos e/ou autoritários, como o foram, no Brasil, o Estado Novo, a república populista e os Governos Militares e, em Portugal, a I República, o Estado Novo e a redemocratização.

Essas perenes relações, constantes interfaces e pontos de intersecção ou refratários no que tange a formas, sistemas e regimes de governo constituíram fatores essenciais que fomentaram um constante interesse de cada país na realidade vivenciada pelo outro, havendo, normalmente, uma mútua abordagem em termos de práticas jornalísticas. Nesse sentido, as transformações e processos históricos pelos quais o Brasil perpassou encontraram um extraordinário eco junto à imprensa portuguesa, de modo que muitas das ocorrências do outro lado do Oceano Atlântico serviam de mote e até mesmo pautavam os jornais lusitanos. Tal processo ocorreu também por ocasião da implantação do regime autoritário no Brasil em 1964, tema discutido à extenuação pelo periodismo lusitano. O contexto histórico luso era de predomínio de um modelo ditatorial nos últimos decênios, de modo que os representantes do jornalismo tinham de estar alinhados com o Estado Novo ou, ao menos, submeterem-se aos seus desígnios e ao controle discursivo calcado na censura e na coerção governamental. Nesse ambiente esteve inserido um dos mais antigos, relevantes, perenes e tradicionais jornais portugueses,

o então centenário *Diário de Notícias*, cuja construção discursiva acerca do período entre março e abril de 1964, época marcada pela transição para o autoritarismo no Brasil, bem refletia o contexto histórico vivido por Portugal.

Apesar da longa duração e do espírito de contestação predominante nos anos sessenta, o regime autoritário lusitano persistia, opondo-se a qualquer alteração substancial, não hesitando em reprimir severamente todo o esboço de resistência¹, insistindo em manter-se impermeável à “histeria política” mundial² e sustentando-se na empreitada da conservação de seus princípios básicos francamente contrários aos modelos liberais, democráticos e comunistas³. O Estado Novo instituiu um complexo mecanismo de controle político, que passava não apenas por meios repressivos – como aniquilamento das liberdades públicas, banimento dos partidos políticos e da oposição organizada, polícia política, tribunais especiais, medidas de segurança policiais e prisões especiais – mas também pela institucionalização do monopólio do acesso aos cargos e funções públicas e pela depuração política do aparelho do Estado⁴. Os dirigentes de tal regime, desde cedo, se aperceberam da importância de disciplinar a circulação dos discursos, de modo que a questão foi logo circunscrita à esfera do político, materializando-se numa sucessão de medidas tendentes a assegurar o efetivo controle governamental da imprensa, privilegiado meio de expressão das oposições⁵.

Dessa maneira, a censura teve um âmbito de atuação muito alargado, vigiando de perto toda manifestação que pusesse em causa os princípios do Estado Novo e da sua ideologia única,

1 MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal – o Estado Novo (1926-1974)*. Lisboa: Circulo do Livro, 1994. v. 7. p. 541.

2 GÓMEZ, Hipólito de la Torre. *O Estado Novo de Salazar*. Alfragide: Texto Editores, 2010. p. 90.

3 TORRALBA, Luís Reis. O Estado Novo. Fascismo, Salazarismo e Europa. In: TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Lisboa: Instituto Camões, 2000. p. 318.

4 MEDINA, João (dir.). *História de Portugal*. Barcelona: Clube Internacional do Livro, 1995. p. 175.

5 SERRÃO, Joel & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de (dirs.). *Nova História de Portugal – Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Presença, 1992. v. 12. p. 439.

mormente no que tange aos jornais, numa conjuntura pela qual a atividade censória sabia o que fazia e colocava-se numa posição político-cultural própria de um regime que não queria infiltrações de qualquer espécie⁶. Assim, o controle governamental da circulação do discurso político, maioritariamente concretizado por meio do instrumento da censura prévia à imprensa, foi uma prática que se manteve ativa desde o alvorecer até a queda do Estado Novo⁷. De acordo com tal perspectiva, havia uma repressão generalizada, com a supressão, na prática, das liberdades fundamentais e coercitivo controle de parte das autoridades públicas, bem como a atuação da censura em largo espectro⁸. Além da censura e da coerção sobre o jornalismo, dava-se também uma outra linha estratégica do poder relativamente à imprensa, de modo que a tentativa de influenciar a opinião pública não se faria apenas pela ocultação da informação, mas, já em um plano superior de manipulação, pela veiculação das posições governamentais sobre determinados acontecimentos⁹. Nesse contexto, não havia espaço para jornais que se opusessem ao regime, pois os que não o acataram foram pura e simplesmente silenciados¹⁰.

Um desses periódicos era o já centenário *Diário de Notícias* o qual representou um verdadeiro divisor de águas na formação histórica do jornalismo português. Desde sua origem, ele foi um dos mais importantes jornais lusos de modelo noticioso. Seu programa foi editado ao final de 1864 e o primeiro número passou a circular em Lisboa, a 1º de janeiro do ano seguinte¹¹ e, em seguida, se afirmaria como um dos mais relevantes

6 TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de História Política e Cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. p. 402.

7 ROSAS, Fernando & BRITO, J. M. Brandão de (dirs.). *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. v. 1. p. 139-140.

8 MARTINS, Manuel Gonçalves. *O Estado Novo e a oposição (1933-1974)*. Sintra: Pedro Ferreira – Editor, 2000. p. 48-52.

9 TENGARRINHA, José. *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2006. p. 57.

10 LEMOS, Mario Matos e. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora / CEIS20, 2006. p. 69.

11 RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 252.

periódicos lusitanos. Sua lógica de produção levava em conta que, se a tiragem aumentasse, as despesas gerais conservavam-se sensivelmente as mesmas e, portanto, o preço de custo de cada exemplar seria menos elevado, de modo que, com maior tiragem haveria mais anúncios que poderiam render mais. Dessa maneira, para auferir maiores lucros, bastaria baixar o preço e dirigi-lo a uma mais vasta camada de leitores, não como um jornal de opinião, mas meramente noticioso. Seus avanços na prática jornalística voltaram-se também à questão da venda e distribuição, estabelecendo um contingente sempre crescente de vendedores ambulantes, atividade facilitada pelo preço acessível do exemplar. Além disso, houve também um incremento na quantidade de anúncios editados pelo *Diário*, fenômeno igualmente essencial à estruturação financeira da empresa jornalística, uma vez que era normalmente à publicidade que competia cobrir uma parte ou a totalidade dos custos da produção do jornal. Outra marca registrada da publicação foi o crescimento vertiginoso de suas tiragens, com o aprimoramento tecnológico em sua produção, lançando-se mão de máquinas rotativas cada vez mais evoluídas e com maior capacidade de impressão, bem como sua tipografia foi a primeira no contexto luso a utilizar-se das máquinas de compor. Tais práticas empresariais serviriam de modelo a um grande número de periódicos que surgiriam no contexto luso, de modo que o *Diário* viria a figurar entre os jornais mais antigos e de maior prestígio em Portugal¹².

No lançamento do periódico, a redação afirmava que promovera tal publicação convencida da sua necessidade e utilidade, pois visava a um único fim – interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas, e compreensível a todas as inteligências. Declarava também que o seu próprio título dizia o que seria, ou seja, uma compilação cuidadosa de todas as notícias do dia, de todos os países, e de todas as especialidades. Pretendia ser um noticiário universal, em estilo fácil, e com a maior concisão, informando o leitor de todas as ocorrências interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo, à última

12 TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 213, 215, 221, 222, 225-229, 231 e 234.

hora todas as novidades políticas, científicas, artísticas literárias, comerciais, industriais, agrícolas, criminais e estatísticas. Anunciava que eliminaria o artigo de fundo, não discutindo política, nem sustentando polêmica, apenas registrando com a possível verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor que comentasse ao seu sabor, quaisquer que fossem os seus princípios e opiniões¹³. Já no primeiro número em circulação, o *Diário de Notícias* destacava que tivera uma boa aceitação de parte do público, o que estaria a demonstrar que se em Portugal não se lia comparativamente tanto como em outras nações, era pelo motivo de que não havia publicações baratas, e ao alcance de todas as bolsas, e não porque os seus concidadãos fossem menos ilustrados¹⁴.

A partir do lançamento, o *Diário de Notícias* se afirmaria constantemente vindo a constituir-se no mais antigo diário da imprensa portuguesa e é considerado o precursor do jornalismo moderno no país. Já ao surgir, operou uma verdadeira revolução no panorama jornalístico nacional, pois era um jornal popular em termos de preço, de estilo ao alcance de todos, essencialmente noticioso e sem filiação partidária. Seu espantoso êxito, que cresceria exponencialmente, derivava da combinação do baixo preço e da aparente “independência” perante as correntes políticas, com os avanços tecnológicos e as elevadas tiragens, reduzindo o custo unitário da produção e os rendimentos com a publicidade, além de aprimorar os modelos de distribuição. A “objetividade” e a “imparcialidade” com que se iniciou e pretendeu apresentar ao longo da sua existência, na verdade camuflavam habitualmente uma posição conservadora de apoio ao poder estabelecido. Já durante o Estado Novo, sua redação migrou para o campo do salazarismo, transformando-se o jornal num órgão oficioso do regime¹⁵. Tal posicionamento refletiria as reações do *Diário* diante dos acontecimentos no Brasil entre meados de março e abril de 1964.

13 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 29 dez. 1864. N. programa. p. 1.

14 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º jan. 1865. A. 1. N. 1. p. 1.

15 TENGARRINHA. 2006. p. 214.

O jornal lisbonense manifestava aversão a uma possível guinada para a esquerda que estaria sendo perpetrada pelo presidente João Goulart (Jango), e, já a 13 de março, fazia referência ao comício que se preparava para a noite, que seria coordenado pela Comissão Permanente das Organizações Sindicais, apontada pelo periódico como mera fachada do Partido Comunista, descrevendo os detalhes planejados para o evento. Segundo o diário, o presidente discursaria depois que a fina-flor dos próceres revolucionários arengasse as massas e, após, assinaria no próprio palanque o decreto que declarava expropriáveis as terras às margens de vias públicas e as saneadas pelo governo. Tal fato era comentado como uma ação presidencial pela qual se dava a preferência por prestigiar a “rapazola irresponsável” que atacara que atacara tão rudemente o Legislativo, assinando o decreto por ele elaborado com a supervisão do Partido Comunista. A atitude do presidente era qualificada como um estardalhaço, promovido no meio de discursos incendiários e provocativos, como seriam sempre aqueles pronunciados em praça pública, constituindo tudo isso em algo sumamente insensato, além de perigoso para a segurança das instituições nacionais. De acordo com tal percepção, o *Diário* passava a discorrer sobre a inviabilidade do projeto governista de reforma agrária, qualificando-o e reduzindo-o a um ato demagógico¹⁶ [Figura 1].

CARTA DO RIO DE JANEIRO

DEMAGOGIA

E REFORMA AGRÁRIA

RIO DE JANEIRO (Março) — As articulações para a constituição da «Frente Popular» continuam no pé em que estavam quando escrevi a última crônica: em animada contradição de exigências, recuos, sugestões e bonitos. Quer isto dizer que o «diálogo» prossegue. E prosseguirá até vir a mulher da fazenda tal nas ruas de Lisboa, está bem de ver...!

As atenções concentram-se agora no comício de sexta-feira

DO NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL NO RIO DE JANEIRO

13. organizado pela Comissão Permanente das Organizações

Sindicais (mera fachada do Partido Comunista, diz o «Jornal do Comércio») e garantido por um imponente dispositivo das forças armadas. Essa tal C. P. O. S., que espera reunir duas centenas de milhares de manifestantes, preparou dez milhões de panfletos, duas mil faixas e milhares de bandeirinhas para distribuir entre si. Várias frocas de camisas e

- Figura 1 -

16 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 13 mar. 1964. A. 100. N. 35212. p. 16 e 18.

Em continuidade, o periódico publicou manchete destacando que o Brasil encontrava-se ameaçado por onda de subversão comunista [Figura 2], mas, alinhavava, que o patronato brasileiro tomava providências para a defesa de seus interesses. Diante do comício presidencial, a folha noticiava que setores ligados às entidades patronais haviam se reunido para estudar uma ação a ser empreendida para impedir os atentados à propriedade privada e ao direito de livre empresa que estariam se produzindo com a cumplicidade do governo. De acordo com o diário, em tal congresso, vários delegados fizeram intervenções agressivas contra Jango, uma vez que o mesmo fazia o jogo da subversão, provocado pelo comunismo, criando no país um ambiente de insegurança, de modo que fora elaborado um manifesto, qualificado como autêntico libelo contra as autoridades federais, além do que, se criara um grupo de choque geral que, mediante comitês regionais, organizaria uma frente de resistência contra as forças adversárias da liberdade de iniciativa. A publicação de Lisboa apontava ainda para a ocorrência de manifestações que agitavam o Brasil, uma delas, inclusive, com os integrantes gritando vivas a Fidel Castro¹⁷.

A SITUAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL
AMEAÇADO PELA ONDA DE SUBVERSÃO
PROVOCADA PELOS COMUNISTAS
O PATRONATO BRASILEIRO TOMA PROVIDÊNCIAS DE DEFESA

- Figura 2 -

Em seguida, o *Diário de Notícias* passava a promover um verdadeiro denunciamento em relação ao Brasil, dizendo que a democracia estaria à beira da morte, uma vez que o presidente passara a pregar a luta de classes [Figura 3]. A principal fonte do jornal português era a *Tribuna da Imprensa* que, sob a égide de

17 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 14 mar. 1964. A. 100. N. 35213. p. 1 e 11.

Carlos Lacerda, constituía um dos próceres no combate ao governo de João Goulart. Nesse sentido, era afirmado que haviam caído as máscaras no Brasil e a guerra revolucionária começara, num quadro pelo qual o chefe aparente do partido da subversão seria o próprio presidente, até que os comunistas entendessem por bem substituí-lo. As atitudes presidenciais eram também qualificadas como provocações totalitárias que deveriam ser superadas, pois, acima das ambições e das loucuras de um governo irrefletido, haveria a constituição e a tranquilidade do povo brasileiro. Citando outras publicações oposicionistas a Jango, o periódico lisboeta enfatizava que a democracia fora humilhada em praça pública no Rio de Janeiro e que a constituição brasileira estaria sob grave ameaça, além do que a unidade nacional poderia correr o maior risco e a revolução comunista estaria sendo escancaradamente preparada. Entre outras acusações aos governantes brasileiros, era feita também uma analogia, pela qual no Brasil poderia repetir-se o trágico destino da Espanha, mas, era prognosticado que, diante de uma insurreição comunista, inevitavelmente, ocorreria uma intervenção estrangeira, pois, de nenhuma forma e sob nenhum pretexto, o mundo ocidental, tendo à frente os Estados Unidos, admitiria que se formasse e progredisse no continente americano um novo regime vermelho¹⁸.



- Figura 3 -

18 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 15 mar. 1964. A. 100. N. 35214. p. 1 e 9.

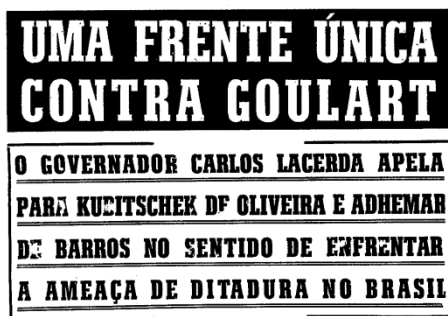
Mais uma vez trazendo informações acerca do Brasil, o *Diário* destacava que o presidente estaria encaminhado ao Legislativo uma remodelação radical das instituições, permanecendo fiel às promessas feitas no último comício aos sindicatos, no sentido de se colocar à frente da batalha pelas reformas, que, se fossem aprovadas, transformariam a democracia brasileira liberal, de tipo clássico, no sentido popular. Com reprovação, o jornal citava tais reformas como a extensão do direito de voto aos analfabetos, a elegibilidade de todos os eleitores e a autorização de uma reforma agrária sem obrigatoriedade de indenização aos proprietários, fazendo clara alusão a ideias consideradas como do Partido Comunista. Na concepção da folha, Jango pretendia rasgar a constituição e garantir a sua continuidade no poder, qualificando a atitude presidencial como uma autêntica mensagem de combate. Diante das propostas governamentais, a publicação portuguesa dava grande ênfase à ação dos parlamentares oposicionistas, que poderiam requerer o afastamento do presidente por desrespeito à constituição [Figura 4]. Como num jogo de forças, o periódico dizia que o chefe de Estado decidira retomar a função de chefe da esquerda, estando disposto a forçar a mão dos parlamentares para que aprovassem suas medidas¹⁹.

A EFERVESCÊNCIA NO BRASIL
DEPUTADOS
pedem a demissão
do presidente Goulart
ACUSANDO-O DE TER VIOLADO
A CONSTITUIÇÃO DO PAÍS

- Figura 4 -

¹⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 17 mar. 1964. A. 100. N. 35216. p. 15 e 16.

Um dos líderes oposicionistas, Carlos Lacerda, voltaria a ser protagonista nas páginas do *Diário de Notícias* que o apresentava como articulador de uma coligação de combate à ditadura [Figura 5]. De acordo com o jornal, Lacerda, apresentado como chefe do anticomunismo militante no Brasil enviara mensagem ao ex-presidente Juscelino Kubitschek e ao governante paulista Ademar de Barros visando a formação imediata de uma frente de união nacional contra as ameaças ditatoriais, antes que fosse demasiado tarde. Citando o autor da proposta, a folha narrava que, perante os acontecimentos provocados pela ação comunista, com a cumplicidade do presidente, seria indispensável colocar a defesa da liberdade acima de todo e qualquer interesse puramente eleitoral. Ainda seguindo a mesma fonte, o periódico enfatizava que a liberdade e a paz interna do Brasil já haviam sido praticamente destruídas pela guerra revolucionária, a agitação oficial e a decisiva influência dos comunistas no seio do governo. A publicação noticiava ainda que o apelo daquele oposicionista dirigira-se também ao congresso para que não se deixasse envolver por dispositivos de guerra revolucionária, e às forças armadas para que respeitassem a democracia e não os demagogos e para que garantissem a paz com liberdade e honra e não a paz com medo e coação²⁰.



- Figura 5 -

20 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 18 mar. 1964. A. 100. N. 35217. p. 1 e 5.

O ex-presidente e senador Juscelino Kubitschek de Oliveira foi presença marcante nas páginas da edição seguinte do *Diário*, notadamente por sua afirmação de que os trabalhadores brasileiros, por serem católicos, não eram comunistas [Figura 6], além de citar pontos da política externa que defendera quando à frente da presidência, segundo a qual, em resumo, uma ação policial não seria suficiente para impedir o comunismo na América Latina, de modo que só um grande desenvolvimento industrial o conseguiria, para o que seria necessário aporte de investimentos internacionais, notadamente norte-americanos. Continuando a referenciar tal homem público, o jornal citava que existia certamente influência comunista nos sindicatos brasileiros, mas a maioria dos trabalhadores não o era tendo em vista o predomínio do catolicismo, de modo que, se fossem satisfeitas as necessidades da classe trabalhadora, não haveria problema comunista no Brasil. Além disso, o ex-presidente teria afirmado que apoiaria parcialmente o projeto reformista de Jango, bem como não acreditava que este tivesse projetos de continuidade no poder. Por outro lado, o periódico alarmava para a permanência da agitação no contexto brasileiro, havendo, inclusive, mobilização de trabalhadores e ameaça de greve, caso houvesse qualquer medida que intentasse anular alguns poderes presidenciais²¹.

BRASIL
NÃO É COMUNISTA
nem nunca o será, por ser católica
A MAIORIA DOS TRABALHADORES BRASILEIROS
—declarou aos jornalistas Juscelino Kubitschek

- Figura 6 -

21 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 19 mar. 1964. A. 100. N. 35218. p. 1 e 5.

O clima de instabilidade no Brasil era mais uma vez enfatizado pelo *Diário de Notícias*, ao descrever que o país assistia estarecido ao permanente desrespeito à constituição e às leis, num quadro em que se deturpava o direito de greve com o aliciamento ostensivo à desordem, em reivindicações comandadas quase sempre por organismos espúrios, sendo apontado o estranhamento que o presidente atuasse mais como um chefe de partido do que como supremo magistrado da nação. O comício de 13 de março era ainda um tema comentado pela folha ao apontar que, dentre os discursos ali pronunciados, alguns o foram em puro estilo “fidelista”. O jornal destacava também que haveria planos subversivos a partir daquela concentração popular, cujas manobras poderiam levar a caminhos arriscados como uma assembleia constituinte eleita por plebiscito e integrada por operários, camponeses, estudantes, políticos progressistas, sargentos e oficiais nacionalistas. Diante de tal quadro, a publicação lusa concluía que as interrogações acumulavam-se no horizonte do Brasil, com grossas nuvens anunciadoras de tempestade²².

As mobilizações anticomunistas levadas a efeito no contexto brasileiro seriam enfatizadas pela folha lisbonense [Figura 7]. Nesse sentido, noticiava que uma manifestação monstro, com a participação de quinhentas mil pessoas, ocorrera em São Paulo contra os planos de João Goulart de alterar a constituição, de modo que os manifestantes “por Deus e pela liberdade” incluíam delegações de todas as cidades do estado e gritavam estribilhos contra a política do governo central. Era ainda descrito que no desfile as pessoas empunhavam cartazes com dizeres como: “Reformas, sim – Jango, não!”, “Abaixo o cancro vermelho” e “Verde e amarelo, sem foice nem martelo”. Ao passo que o periódico dava amplo destaque para o caráter pacífico e ordeiro de tal passeata, logo em seguida, passava a noticiar a intranquilidade de uma manifestação de desempregados que, em Brasília, teriam chegado a apedrejar policiais²³.

22 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 20 mar. 1964. A. 100. N. 35219. p. 17 e 18.

23 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 21 mar. 1964. A. 100. N. 35220. p. 1 e 10.

O BRASIL CONTRA O COMUNISMO

MEIO MILHÃO DE PESSOAS EM SÃO PAULO

numa marcha por Deus e pela Liberdade

- Figura 7 -

Em uma edição cuja abordagem sobre o Brasil concentrava-se ainda mais na transcrição de informações, através de breves notas, o jornal lisboeta mantinha o seu posicionamento quantos ao clima de instabilidade no contexto brasileiro. A notícia de maior destaque foi o lançamento da candidatura à presidência de Juscelino Kubistchek, apontando que tal escolha poderia constituir uma solução estabilizadora para a incerteza nacional e, sobretudo, de repúdio ao comunismo. Outra nota se referia a declarações do governante paulista Ademar de Barros, para o qual a crise brasileira dificilmente seria resolvida sem derramamento de sangue, considerando a guerra civil como inevitável. A folha trazia à baila também possíveis riscos envolvidos nas declarações consideradas mais radicais do líder trabalhista Leonel Brizola e suas ideias de formação de um governo popular e nacionalista. O periódico destacava também as greves e a possibilidade do governo Goulart fazer represálias contra as publicações opositoras, por meio do estabelecimento do monopólio da importação de papel jornal. Foi enfatizada ainda uma declaração da União Democrática Nacional (UDN), maior força oposicionista ao governo, apresentando a sua forma de ver a reforma agrária, seus princípios contrários a quaisquer progressos dos movimentos comunistas de guerra revolucionária e sua missão de impedir a infiltração comunista, que teria a pretensão de estabelecer no Brasil um regime totalitário com supressão das liberdades²⁴.

24 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 22 mar. 1964. A. 100. N. 35221. p. 1 e 8.

Já ao final de março, o *Diário de Notícias* mais uma vez dava voz ao líder oposicionista brasileiro Carlos Lacerda, enfatizando suas intenções de concorrer à presidência e seus ataques ao governo João Goulart. A folha, citando tal político, destacava que o presidente estaria colonizado pelos comunistas, julgando poder servir-se destes extremistas para conseguir ficar no poder além do termo legal do seu mandato, mas, na realidade, seriam os comunistas que estariam a utilizá-lo. Segundo tal concepção, o Partido Comunista ainda se encontrava fora da lei, mas já estava no poder, e, sinteticamente, era prognosticado que ou se conservavam o regime e as liberdades públicas, ou seria o domínio do comunismo. Com a manutenção do tom extremamente crítico em relação ao governo, era afirmado que o fascismo sem ordem que Goulart queria instaurar levaria ao comunismo e tudo estaria perdido, bem como a sua presidência, além de ser administrativamente nula, fazia um mau jogo ao tentar lançar o povo contra a democracia. Além disso, o jornal fazia referência a formação de uma Frente Popular, voltada a dar apoio ao plano reformista de Jango, a qual era qualificada como despropositada, ou ainda uma criança nascida fora do tempo²⁵.

À medida que mais se aproximava o fim do mês, maior era a inserção de notícias sobre o Brasil nas páginas do diário luso. Um dos informes se referia à demissão do ministro da Marinha que teria sido provocada pela indisciplina de algumas centenas de fuzileiros navais. Ao abordar tal tema, o jornal enfatizava a insubordinação, a quebra de hierarquia, a tentativa de subversão e a presença de elementos estranhos aos quadros que criavam um ambiente de incompreensão nos meios militares como fatores que só serviam para agravar o quadro nacional de instabilidades. Além disso, a folha continuava dando guarida às acusações de Carlos Lacerda contra o governo, o qual teria voltado a exclamar que o presidente havia se aliado aos comunistas para permanecer no poder. Nessa linha, mais uma vez repassando as palavras do líder oposicionista, o periódico destacava que, desde o comício de 13 de março, Goulart passara a dar um show totalitário, um espetáculo demagógico completo, anunciando medidas que não

25 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 26 mar. 1964. A. 100. N. 35225. p. 1 e 2.

resistiam à análise. O presidente era acusado também de permitir a infiltração de comunistas na máquina do Estado, através de cargos públicos, assim como no ensino das escolas primárias, de modo que já estariam a reescrever a História do Brasil, que deixaria de ter datas, nomes, batalhas e episódios, para dar lugar à rígida ideologia que o comunismo queria impor à juventude²⁶ [Figura 8].

DEMITIU-SE

BRASIL *o ministro da Marinha*

Goulart regressou ao Rio de Janeiro

As tropas estão de prevenção

A demissão do almirante Silveira Mota foi provocada pela indisciplina de algumas centenas de fuzileiros navais



Almirante Silva Mota

RIO DE JANEIRO, 26. — O almirante Silveira Mota, ministro da Marinha, apresentou a sua demissão. O presidente Goulart, que tinha partido para passar as férias da Pesca no Rio Grande do Sul, regressou de urgência ao Rio de Janeiro, onde todas as tropas estão de prevenção.

O ministro da Marinha declarou que a prevenção nas forças navais para evitar qualquer possível repercussão da sua determinação em castigar marinheiros e sargentos que, contrariando

as suas instruções, organizaram uma reunião de carácter político.

Durante aquela reunião, que consistiu na verificação da lealdade à autoridade do ministro, o presidente da Associação dos Mari-

(Continua na 5.ª página)

LACERDA ACUSA

GOULART ALIQU-SE COM O PARTIDO COMUNISTA PARA IMPEDIR AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E MANTER-SE NO PODER

RIO DE JANEIRO, 26. — O presidente Goulart, aliado com o Partido Comunista para impedir as eleições presidenciais de 1965 e manter-se no Poder -

declara o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, «já ninguém pode duvidar de que Goulart não quer as eleições. O comício de 13 de Março, no Rio

- Figura 8 -

26 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 27 mar. 1964. A. 100. N. 35226. p. 1 e 5.

A revolta dos marinheiros foi tema marcante no *Diário de Notícias* que chamava atenção mais uma vez para a instabilidade reinante no Brasil, que, segundo o jornal, estaria passando por uma Páscoa perturbada [Figura 9]. A questão-chave levantada pela folha era a de que ocorrera uma insubordinação com a qual o presidente teria compactuado ao ser condescendente com os insurgentes. O periódico não deixava de enfatizar a aproximação dos militares insubordinados com organizações sindicais e de esquerda, construindo a imagem de marinheiros amotinados que se tinham barricado no Sindicato dos Metalúrgicos, descrevendo que, ao retirar-se daquele local, com certas garantias presidenciais, os marinheiros teriam sido aplaudidos e animados por um grupo de sindicalistas, trabalhistas e comunistas que tinham vindo demonstrar sua solidariedade a ele. Segundo a publicação lisbonense, a operação militar estabelecida para coibir a revolta fora contida por ordem presidencial, o que teria provocado significativa insatisfação dentre muitos comandantes militares. Na versão do jornal, a presença constante de líderes sindicais e de frentes esquerdistas, além das mulheres dos amotinados levando-lhes mantimentos, viria a constituir uma “feira da insubordinação”, agravando a crise hierárquica que tanto desagradava o oficialato e aumentando o abismo entre estes e o presidente²⁷.

PÁSCOA PERTURBADA NO BRASIL

OS MARINHEIROS REBELDES FORAM PRESOS

E ENCONTRAM-SE INTERNADOS NUM AQUARTELAMENTO DO EXÉRCITO

POR INTERVENÇÃO DO PRÓPRIO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

- Figura 9 -

27 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 28 mar. 1964. A. 100. N. 35227. p. 11 e 12.

O periódico anunciava em manchete um confronto aberto entre os militares e o presidente, a partir dos episódios em torno da revolta dos marinheiros. De acordo com o jornal, já havia muito tempo que a maioria dos oficiais encarava com desagrado a política socializante de Goulart e, em particular, a complacência das autoridades federais para com as reivindicações dos elementos subalternos das forças armadas. Noticiava ainda que, no Brasil, a marinha era um foco de agitação, pois a maior parte dos oficiais era hostil a Jango, enquanto seus subordinados lhe eram favoráveis. Para a folha, a desorganização da marinha convinha à política presidencial, ainda mais que o problema disciplinar continuava sem solução e o balanço da crise era considerado impressionante, uma vez que os marinheiros que durante três dias desafiaram a autoridade de seus superiores hierárquicos, foram libertados e postos “em férias”. A ação governamental para com os insubordinados era apontada como incontestavelmente uma atitude de esquerda, e, para a publicação lisboeta, os elogios que os sindicatos e o partido comunista fizeram ao presidente seriam o melhor testemunho do que todas as análises acerca do tema. Descrevia ainda que eram numerosos os observadores que entendiam estar o caminho livre para uma viragem à esquerda da política governamental²⁸.

Tal tema foi mais uma vez pauta do *Diário de Notícias*, ao anunciar que os oficiais da marinha haviam dado um ultimato ao governo, exigindo o castigo daqueles que denominava como marinheiros comunistas rebelados [Figura 10]. O clima de desconfiança era revelado a partir da proposição de que os amotinados eram marinheiros com um período de serviço muito breve, o que faria pensar que foram propositadamente alistados pelos comunistas para promover a subversão. Citava o jornal que o motim da Páscoa devera-se a elementos totalmente estranhos à marinha, tendo os oficiais lamentado a decisão do governo de anistiar os insubordinados, pois, agindo assim, teria perturbado a hierarquia e, talvez, impossibilitado o futuro exercício do comando. Na mesma linha, destacava que os últimos acontecimentos haviam demonstrado de maneira flagrante a infiltração de agentes

28 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 29 mar. 1964. A. 100. N. 35228. p. 15 e 16.

da subversão nas forças armadas, não devendo ser subestimado o perigo que tal situação representava para as instituições e para o Brasil. Na mesma edição, ao transcrever trechos de periódicos brasileiros, a folha portuguesa concluía que a revolução estava em marcha no país sob a direção do próprio Goulart e nada poderia detê-la a não ser uma intervenção das forças armadas. A publicação lisbonense enfatizava ainda a aproximação de várias frentes políticas brasileiras em torno da ideia de promover um repúdio ao extremismo revolucionário e às manobras contra a legalidade constitucional, denunciando que muitas das atitudes dos governantes brasileiros não passavam de determinações dos comunistas que eles repetiam como papagaios vermelhos²⁹.

**ULTIMATO DE 1500 OFICIAIS
DA ARMADA BRASILEIRA
ao ministro da Marinha**

**É EXIGIDO O CASTIGO DOS MARINHEIROS
REBELDES NUM PRAZO QUE TERMINA AMANHÃ**

- Figura 10 -

No número seguinte, o *Diário* noticiava que a oficialidade do exército se solidarizara à da marinha na exigência de que os “marinheiros comunistas” recebessem justo e enérgico castigo por indisciplina. A meta de tais oficiais seria a de efetuar todos os esforços e sacrifícios pelo restabelecimento da disciplina e da obediência, com respeito pela ordem e pela constituição. Segundo tal perspectiva, os marinheiros haviam se amotinado por estarem insidiosamente doutrinados pelos dirigentes sindicais, às ordens

29 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 30 mar. 1964. A. 100. N. 35229. p. 1, 5, 15 e 16.

de Moscou, além do que estaria a formar-se uma conjuntura para a “comunização” do Brasil, havendo um “namoro” do presidente Goulart com os comunistas. Para o jornal, as possíveis providências do governo brasileiro no que tange à provável abertura de um inquérito para apurar as responsabilidades pela “insurreição da Páscoa”, não passava de uma procrastinação para ganhar tempo. O teor denunciatório da folha chegava a apontar a projeção de um filme soviético como fator que influenciara grandemente a atitude dos rebelados, referindo-se ao *Encouraçado Potemkin* que parecia ter sido uma das centelhas que fizera eclodir o motim dos marinheiros e fuzileiros navais, o que fora narrado por um sargento que tecia comentários como: “Vede o que se pode fazer para derrubar os opressores. Fariamos bem em imitar os nossos colegas russos”³⁰.

A partir da deflagração do golpe no Brasil, a cobertura do *Diário de Notícias* tornou-se ainda mais detalhada, com grande ênfase ao papel de Minas Gerais no espocar do movimento [Figura 11]. A narrativa do jornal persistia em mostrar a imagem de João Goulart como um presidente intransigente, que não se afastaria de sua linha de conduta por coisa alguma e, ao mesmo tempo, destacava a publicação de um manifesto de oficiais do exército condenando a política extremista de Jango, que estaria a ofender e desrespeitar a constituição, de modo que nenhum brasileiro poderia ficar indiferente perante a atitude do governo contrária à legalidade. A promessa de promoções para todos os sargentos que teria sido feita por Goulart era vista como uma medida para conquistar partidários à sua causa e realizada por motivações esquerdistas. A tônica geral do jornal eram as graves ameaças às instituições democráticas no Brasil, fazendo referências à presença de comunistas em postos-chave da administração federal, aos conselheiros comunistas de Jango e às denúncias da UDN e do presidente do senado de que Goulart aliara-se aos comunistas, diante do que todos deveriam erguer-se vigorosamente contra os agentes do comunismo internacional, cuja audácia aumentava diariamente, por pensarem que a resistência democrática não

30 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 31 mar. 1964. A. 100. N. 35230. p. 14 e 16.

conseguiria se organizar no Brasil³¹.

GOLPE MILITAR NO BRASIL
AS TROPAS FEDERAIS DO ESTADO DE MINAS
revoltaram-se contra João Goulart
O GOVERNADOR MAGALHÃES PINTO PROCLAMOU A SEPARAÇÃO DAQUELE
ESTADO, MANDOU REDIGIR NOVA CONSTITUIÇÃO E DIRIGIU UM APELO
A TODAS AS UNIDADES DO EXÉRCITO PARA QUE SE COLOQUEM A SEU LADO

RIO DE JANEIRO, 31. — As tropas federais estacionadas no estado de Minas Gerais, e a 11 horas, revoltaram-se contra Goulart. No mesmo tempo, o

cerca de 400 quilômetros ao Norte do Rio de Janeiro e tem 620 000 habitantes. O estado de Minas Gerais tem 10 milhões de habitantes — ao sul: a esta-

que ligou o Rio de Janeiro e Brasília. São integrantes do Exército em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, declarou: «O presidente Goulart já não aguenta o fardo»

SÃO PAULO, 31. — Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais, anunciou a separação do Estado de Minas Gerais do Brasil. O governador declarou: «O Brasil não aguenta o fardo»

comunicou de outra cidade. Magalhães Pinto, o governador de Minas Gerais, declarou: «O Brasil não aguenta o fardo»

Para debelar a revolta saiu do Rio de Janeiro uma força militar comandada pelo próprio ministro da Guerra

• • •

No Rio de Janeiro os Ministérios do Exército e da Marinha estão cercados por tropas leais ao Governo Federal, as quais ocuparam algumas emissoras de rádio

Magalhães Pinto, governador do Estado de Minas Gerais

Para debelar a revolta saiu do Rio de Janeiro uma força militar comandada pelo próprio ministro da Guerra

• • •

No Rio de Janeiro os Ministérios do Exército e da Marinha estão cercados por tropas leais ao Governo Federal, as quais ocuparam algumas emissoras de rádio

O ESTADO DE MINAS GERAIS ESTÁ PRATICAMENTE SITUADO NO CENTRO DO PAÍS, SENDO O QUINTO ESTADO MAIS LARGO EM SUPERFÍCIE TERRITORIAL.

GOULART DECLARA COISA ALGUMA PODERÁ AFASTAR-ME DA LINHA DE CONDUTA QUE TRAZEI

UM MARECHAL E SETENTA GERAIS PUBLICARAM UM MANIFESTO CONDENANDO A POLÍTICA EXTREMISTA DE GOULART

- Figura 11 -

Na edição seguinte, a publicação lisboeta dedicou toda a sua primeira página aos acontecimentos no Brasil [Figura 12]. A maior dúvida do noticiário ligava-se aos destinos do presidente deposto que abandonara Brasília. Em linhas gerais, o jornal traduzia em seus escritos um clima de aceitação geral do golpe, fazendo referência aos dez mais poderosos estados que estariam ao lado dos “rebeldes”, à primeira reação nas ruas de São Paulo, onde uma multidão compacta teria manifestado o seu repúdio ao comunismo e ao “delírio em Copacabana”, na qual se reunira ampla manifestação para celebrar a “vitória da democracia”. Alguns dos promotores do movimento apareciam como protagonistas nas páginas do periódico, caso de Ademar de Barros e seu manifesto contrário à infiltração de Moscou, de Pequim ou de Havana, a qual deveria ser repudiada no Brasil. Outro personagem central era Carlos Lacerda que teria eletrizado o Brasil a partir da bandeira

31 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º abr. 1964. A. 100. N. 35231. p. 1 e 7.

da luta contra o comunismo, vindo, segundo a folha, a decidir a situação, com seu apoio aos “revoltosos”. A folha fazia ainda um *feedback* em relação às origens daqueles acontecimentos, citando as reformas de fundo no domínio agrário, a revisão constitucional num sentido popular e à viragem à esquerda na orientação do governo Goulart, sintetizando tais ideias a partir da manifestação de um jornal brasileiro, pelo qual o presidente era acusado de tentar proceder à “comunização” do país, a pretexto de executar reformas de base³².

32 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 2 abr. 1964. A. 100. N. 35232. p. 1 e 7.



Diário de Notícias

DIRECTOR - AUGUSTO DE CASTRO
ALVARO ALBERTO MARQUES JUNIOR
ALVARO ALBERTO MARQUES JUNIOR
ALVARO ALBERTO MARQUES JUNIOR



GOULART ABANDONOU BRASÍLIA

O RIO DE JANEIRO DECIDIU A EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS O 1.º EXÉRCITO RECUSOU-SE A CUMPRIR AS ORDENS DO GOVERNO

E ADEIRIU ÀS FORÇAS REBELDES

O PRESIDENTE TOMOU UM AVIÃO RUMO AO SUL DO PAÍS

* NA SUA ÚLTIMA ENTREVISTA GOULART DISSE CON-
TAR COM O 3.º EXÉRCITO (PORTO ALEGRE) PARA
SE MANTER NO PODER

* EM POUCAS HORAS CORREU POR VÁRIAS VEZES
O BOATO DE QUE GOULART SE DIMITIRIA E ABAN-
DONARA O PAÍS

* OS DEZ MAIS PODEROSOS ESTADOS, AO LADO DOS
REBELDES

* MUITA ACTIVIDADE MILITAR E POUCOS TIROS

* A POPULAÇÃO DO RIO FEZ A «GUERRA» DAS MER-
CEARIAS

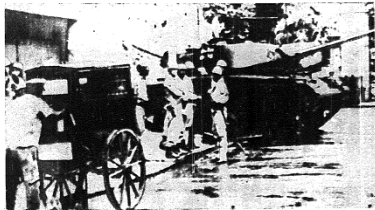
RIO DE JANEIRO, 1

— Os acontecimentos de Brasília evoluíram e a 1.ª divisão do Exército recusou-se a cumprir as ordens do presidente Goulart, a qual foi substituída pelo governador Carlos Luz. A população de Rio de Janeiro decidiu a favor do presidente Goulart, a qual foi substituída pelo governador Carlos Luz.

— De acordo com o plano de Goulart, o Exército recusou-se a cumprir as ordens do presidente Goulart, a qual foi substituída pelo governador Carlos Luz.

— Segundo o plano de Goulart, o Exército recusou-se a cumprir as ordens do presidente Goulart, a qual foi substituída pelo governador Carlos Luz.

— Um intermédio do Exército recusou-se a cumprir as ordens do presidente Goulart, a qual foi substituída pelo governador Carlos Luz.



Frente ao Palácio das Lavouras, residência de Goulart no Rio de Janeiro, as tropas federais ainda ontem de manhã mantinham guarda quando o presidente foi se encontrar. Os civis, porém, continuaram a sua vida normal: à esquerda, o táxi; à direita, o ônibus e o carro de polícia.

Telefoto especial para o «Diário de Notícias»

CARLOS LACERDA ELECTRIZOU O BRASIL AO UNIR-SE AOS REVOLTOSOS

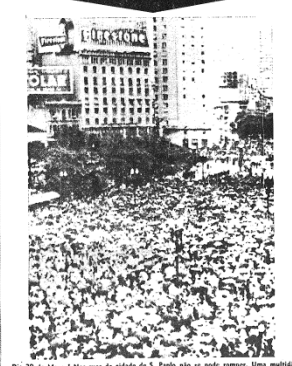
A nossa luta não é contra vós mas sim contra o comunismo — DECLAROU O GOVERNADOR AOS FIZIZEROS NAVAS



RIO DE JANEIRO, 1 — O governador de Pernambuco, Carlos Lacerda, declarou ontem que a sua luta não é contra os militares rebeldes, mas sim contra o comunismo. Ele declarou isto durante uma reunião com os militares rebeldes em Recife.

Carlos Lacerda declarou que a sua luta não é contra os militares rebeldes, mas sim contra o comunismo. Ele declarou isto durante uma reunião com os militares rebeldes em Recife.

A PRIMEIRA REACÇÃO



Das 29 de Março! Nas ruas da cidade de S. Paulo não se pôde contar. Uma multidão compacta — um milhão de pessoas — manifestou o seu repúdio ao comunismo, restando assim ao encontro de dia 13, realizado no Rio de Janeiro. Assim começou a reacção que havia de levar ao 1 de Abril

ADEMAR DE BARROS numa proclamação pela rádio:

“Não queremos infiltração de Moscovo, de Pequim ou de Havana”



SÃO PAULO, 1 — O governador de São Paulo, Ademar de Barros, proclamação pela rádio, dizendo que não quer a infiltração de Moscovo, de Pequim ou de Havana. Ele declarou isto durante uma reunião com os militares rebeldes em São Paulo.

Ademar de Barros declarou que não quer a infiltração de Moscovo, de Pequim ou de Havana. Ele declarou isto durante uma reunião com os militares rebeldes em São Paulo.

13. e 14.
ARTES E LETRAS

DELÍRIO EM COPACABANA

PARA CELEBRAR «A VITÓRIA DA DEMOCRACIA»

RIO DE JANEIRO, 1 — O governador de Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, declarou ontem que a sua luta não é contra os militares rebeldes, mas sim contra o comunismo. Ele declarou isto durante uma reunião com os militares rebeldes em Rio de Janeiro.

- Figura 12 -

O jornal português passaria a demonstrar uma adesão enfática para com a nova situação brasileira, dedicando mais uma vez a integralidade de sua primeira página ao que sua manchete sintetizava na frase: “A calma volta ao Brasil” [Figura 13]. O periódico noticiava a mudança de presidente como algo corriqueiro que ocorrera apenas em oito minutos, havendo o afastamento de Goulart, que teria reconhecido a derrota, e a eliminação de possíveis focos de resistência. Mais uma vez Carlos Lacerda ocupava posição primordial, fazendo referência a uma suposta ampla aceitação da “revolta” por vários segmentos da sociedade brasileira e pregando que, a partir daquele momento, o Brasil dobrara uma esquina de sua história. Na concepção da folha, Jango havia assinado sua sentença de morte a partir da guinada dada em direção às esquerdas e, ainda mais, por sua postura diante da insubordinação dos marinheiros. Referindo-se a um contexto de amplas adesões ao movimento, o *Diário* anunciava em manchete uma suposta alegria dos brasileiros por terem sido salvos dos perigos do comunismo e citava o caso do Rio de Janeiro, descrevendo que, na antiga capital do Brasil, um dos baluartes da democracia e do movimento militar que se iniciara em Belo Horizonte, fora recebida com verdadeiro delírio a notícia da vitória das forças armadas e da saída de Goulart do país. Fazia referência, assim, à organização de uma nova “Marcha da família com Deus e pela liberdade”, organizada pelas associações católicas e patrióticas a qual teria se transformado numa procissão de ação de graças para agradecer a Deus por ter salvo o Brasil do comunismo³³.

33 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 3 abr. 1964. A. 100. N. 35233. p. 1 e 7.



Diario de Noticias

DIRECTOR - AUGUSTO DE CASTRO



A CALMA VOLTA AO BRASIL ANUNCIADA NO RIO DE JANEIRO A VITÓRIA DAS FORÇAS ARMADAS

UM MILHAO DE CARIÓTIPOS DESFILOU DESDE A CATEDRAL DA CANDELARIA AO CENTRO DA CIDADE, CANTANDO E REZANDO, NUMA MANIFESTAÇÃO IMPRESSIONANTE QUE DESIGNARAM DE ALEGRIA E ACÇÃO DE GRACAS POR O BRASIL TER SIDO SALVO

DOS PERIGOS DO COMUNISMO



O governador Carlos Lacerda, pouco depois de abandonar, para não se revoltar, contra, no Rio, que o presidente Goulart fugira perante a rebeldia constitucionalista, deixa a milhares envolvidos por chris e militares (Fotografia Especial PARA o DIARIO DE NOTÍCIAS)

NO RIO DE JANEIRO, ÀS 17 HORAS (LOCAIS) DE ONTEM O GOVERNADOR CARLOS LACERDA ANUNCIOU DO SEU PALÁCIO ENBRINCHEIRADO

A VITÓRIA FINAL DA REVOLUÇÃO: "O BRASIL DOBROU UMA ESQUINA DA HISTÓRIA"

Crônica histórica do correspondente do "Diário de Notícias" no Brasil, André Mazilli

RIO DE JANEIRO, 2. — Quando a população carioca pôde compreender que as Forças Armadas, que tomaram a seu cargo a defesa da Constituição, estavam vitórias, explodiu no Rio de Janeiro a mais impressionante, a mais radiante e a mais espectacular manifestação de alegria que nos foi dada a 30 agora presenciar.

As janelas escuraram-se, nos modernos arranha-céus da Lapa e da Avenida Rio Branco e nas residências suburbanas das aristas que circundam a sacada do Botafogo, e encheram-se de gente que acenava com lenços, e mesmo com toalhas e lençóis, e uma chuva de pedras de papel, recordando o Carnaval carioca, caiu da esplanada, sobre a multidão. As ruas e avenidas flaram, num instante, ruelas de automóveis em borboetas.

Das mesmas avenidas — classes empilhavam-se pedestres, e as fileiras tendiam rapidamente a ser tomadas e ocupadas por milhares de pessoas, gritando e cantando e vibrando e com braços estendidos de todos os

lados e bial de Janeiro. Centenas de milhares de pessoas começaram a sair das suas casas e a dirigir-se para o centro da cidade e a dar um abraço de boas-vindas a dois brasileiros — o Sr. Goulart, exilado, e o Sr. Castello Branco, eleito, e que, horas depois, se encontraram no Palácio do Catete.



A GUARDA ESTADUAL DE GUANABARA PROTEGENDO O PALÁCIO PRESIDENCIAL DO RIO DE JANEIRO, QUANDO ANDA ALI SE ENCONTRAVA JOÃO GOULART, NO INÍCIO DA REBELDIA

EM OITO MINUTOS O BRASIL MUDOU DE PRESIDENTE

O Congresso Federal depôs Goulart e investiu internamente Ranieri Mazzilli

TRES POSSÍVEIS CANDIDATOS A PRESIDENCIA ATE 1965: ADEMAR, AMAURY e MAGALHAES



Nesta fotografia, que não tem ainda muito tempo, dois brasileiros notáveis e conversavam pessoalmente o deputado Goulart e o Sr. Ranieri Mazzilli. Hoje encontram-se em campos separados: um abandonado a Providência e o outro apanhado nos alta magistratura

GOULART RECONHECEU A DERROTA

ABANDONOU O PAÍS, SAINDO EM AVIÃO

DE PORTO ALEGRE PARA O URUGUAI

ACOMPANHADO DE SEU CUNHADO, LIGONEL BRIZZOLA, E DE 15 GENERAIS

PORTO ALEGRE, 2. — Logo depois de sair de Brasília, o Sr. Goulart chegou a esta cidade de avião, acompanhado de seu cunhado, o Sr. Ligonel Brizzola, e de 15 generais. O Sr. Goulart reconheceu a derrota e abandonou o país, saindo em avião para o Uruguai.

- Figura 13 -

A estabilidade nacional foi um dos destaques na cobertura do contexto brasileiro de parte do *Diário de Notícias* ao noticiar que a situação do Brasil era de calma em todo o país, dando ênfase à retirada de Goulart [Figura 14]. Mais uma vez eram destacadas declarações de Ademar de Barros, como a de que os brasileiros só guardariam as armas quando o país estivesse completamente limpo de comunistas, ou ainda a denúncia de que o presidente obtivera na Rússia bolsas para estudantes brasileiros, matéria complementada por outra de tendência denunciatória referindo-se à prisão de terroristas chineses que pretendiam matar militares brasileiros. A tendência geral do periódico era dar voz aos vencedores, destacando que a imprensa brasileira estaria a dizer que, graças à decisão e ao heroísmo das forças armadas, o Brasil fora afastado dos rumos contrários à sua vocação e tradições para onde era arrastado, ideia concluída pela asserção de que o movimento vitorioso não pertencia a ninguém, pois era da pátria, do povo e do regime. Ainda que fossem publicadas manifestações que tendiam à conciliação, como a de Juscelino Kubitschek, o predomínio nas páginas da publicação portuguesa era o dos promotores do movimento, apontado como coeso e disciplinado, ao assumir atitude de grave responsabilidade, com o objetivo de salvar a pátria em perigo, libertando-a do “jugo vermelho”³⁴.

34 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 4 abr. 1964. A. 100. N. 35234. p. 1 e 7.

da escolha recair sobre um militar [Figura 15]. Noticiava a chegada de Jango ao exílio, mas, ainda assim, sugeria a possibilidade da formação de um “exército de resistência” de parte do presidente deposto. Dava destaque à “Marcha pela vitória”, ocorrida no Rio de Janeiro, na qual os manifestantes demonstraram repúdio ao comunismo e com bandeiras brasileiras, cartazes, dísticos e cânticos religiosos, festejaram a queda de Goulart. Referindo-se à política de expurgos que passaria a ser dominante no país, a folha expressava as recomendações dos oficiais superiores das forças armadas no sentido de expulsar os comunistas de todos os setores da vida pública brasileira. Nesse sentido, apontava para as determinações de expulsar os comunistas dos meios militares e do país, devendo medidas idênticas serem tomadas contra funcionários civis de obediência comunista, bem como os parlamentares comunistas deveriam ser privados de seus direitos políticos. Além disso, noticiava que os dirigentes sindicais comunistas deveriam ser processados ao título de legislação da segurança do Estado e a direção dos sindicatos restituída aos “verdadeiros trabalhadores”³⁵.

NOVOS RUMOS NA VIDA BRASILEIRA

**O CONGRESSO FEDERAL REÚNE-SE DEPOIS DE AMANHÃ
PARA ESCOLHER O PRESIDENTE QUE CONCLUIRÁ
O MANDATO DE GOULART**

**OS CHEFES MILITARES PEDEM QUE SEJA ELEITO
UM REPRESENTANTE DO EXÉRCITO, INDICANDO-
SE COMO MAIS PROVÁVEIS O MARECHAL
CASPAR DUTRA E O GENERAL CASTELO BRANCO**

nestas condições, o Partido Social Democrático, que sempre tradicionalmente se coligou governamental com os trabalhistas, terá resistência em dar os seus votos a um homem de U. D. M., embora ideologicamente as posições dos dois partidos não estejam muito afastadas.

Conclui-se de tudo isto, e tendo em conta que os trabalhadores se mantêm prazerosamente na reserva, que um candidato apolítico poderá mais facilmente que qualquer outro, reunir votos de U. D. M. e de P. S. D. Esta aliança é de qualquer modo indispensável para a constituição

- Figura 15 -

35 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 5 abr. 1964. A. 100. N. 35235. p. 1 e 7.

Mantendo o discurso da normalidade e até de uma suposta legitimidade, a folha lusitana ressaltava que era praticamente vitoriosa a candidatura do general Castelo Branco à presidência, uma vez que era defendida pelos sete principais governadores. O militar era apresentado como um dos artífices da “revolução constitucionalista” do Primeiro de Abril – que teria ocorrido, segundo a sua concepção, para salvar a constituição e a disciplina das forças armadas –, bem como um homem enérgico e acérrimo anticomunista. As opiniões de Ademar de Barros novamente apareciam em destaque, desta vez a revelar pormenores do “movimento revolucionário”, afirmando que o seu objetivo era por termo à desastrosa influência de Pequim, de Moscovo e de Havana no Brasil. Segundo tal testemunho, reproduzido pelo jornal, Goulart aumentara a influência comunista ao entregar os postos-chaves a esquerdistas confessos e ao dar todo o seu apoio às organizações dos estudantes e dos trabalhadores comunistas, de modo que os dirigentes militares teriam se convencido plenamente do perigo que o país corria e, para não tolerar tais injúrias, fora tomada a decisão do recurso ao movimento armado³⁶.

O presidente Goulart aparecia nas páginas do jornal em bem menor destaque, notadamente no que tange ao seu exílio em terras estrangeiras, mas a abordagem predominante voltava-se aos responsáveis pelo movimento, chegando a folha a apresentar a versão de um militar na descrição do devir histórico dos acontecimentos [Figura 16]. O periódico noticiava ainda que, no Rio de Janeiro, dez mil pessoas haviam aclamado como “herói da revolução brasileira”, o general Castelo Branco. A respeito do crescente processo de perseguições e cassações no Brasil, a publicação lusa justificava que as operações de polícia visavam exclusivamente os militantes comunistas culpados de atividades subversivas. Segundo o diário lisbonense, as autoridades brasileiras estariam estupefatas perante a amplitude da infiltração comunista em toda a administração e, além disso, na indústria e na Petrobras em particular, de modo que era contínua a prisão de elementos das esquerdas³⁷.

36 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 6 abr. 1964. A. 100. N. 35236. p. 1 e 5.

37 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 7 abr. 1964. A. 100. N. 35237. p. 1 e 5.

A HISTÓRIA

DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

CONTADA POR UM MILITAR

- Figura 16 -

Para o *Diário de Notícias*, o Brasil regressava tranquilamente à uma suposta normalidade institucional, anunciando que fora aprovada pelo Senado e pela Câmara dos Deputados, a lei que regulava a eleição presidencial, aparecendo como franco favorito o general Castelo Branco. O correspondente do jornal no Brasil reproduzia tal perspectiva editorial, ao afirmar que, antes da ação dos militares, uma pequena minoria estava a comandar, atrevida e artificialmente, este gigantesco país. Era noticiado que tudo retornara à normalidade depois da manifestação de delirante entusiasmo que rebentara no momento exato em que nos aparelhos de rádio e de televisão surgira o primeiro som liberto do filtro vermelho, sinal iniludível do triunfo das forças armadas, uma vez que a população nas ruas exteriorizara com júbilo a derrocada do governo Goulart e os seus desmandos, bem como fizera uma saudação à vitória sobre a ameaça comunista. Unindo política e religião em uma mesma abordagem, a folha apresentava os acontecimentos no Brasil como semelhantes a um milagre de ressurreição, ocorrido bem à época da Páscoa, constituindo aquele num prodígio dos brasileiros, mobilizados contra a ameaça comunista, apoiando uma arrancada irresistível e avassaladora, pela qual as forças armadas teriam salvo a nação brasileira. Em outra notícia, aparecia a declaração de que a “rebelião no Brasil” evitara um golpe de Estado preparado pelos comunistas, tendo sido descobertos documentos e esconderijos de armas, planos de assassinios de militares, preparação de uma greve geral que paralisaria o país e envio de dinheiro de Cuba

para financiar o golpe de força comunista³⁸.

Na edição seguinte, o jornal continuava a abordar a possibilidade de um golpe comunista que ensanguentaria o Brasil e que fora evitado pela atitude dos militares, de modo que a “revolução” havia se antecipado à ação comunista que estaria marcada para o dia 2 de abril, com a deflagração de um “golpe vermelho” [Figura 17]. O periódico destacava também a descoberta de grande quantidade de petrechos subversivos, tendo sido apreendidas quinze toneladas de material de propaganda, armas e munições. A folha fazia referência também às prisões dos suspeitos ao regime, à existência de provas de que Cuba e China estavam envolvidas no auxílio aos comunistas brasileiros, com dinheiro e armas, e ao início da instrução de processos de dirigentes sindicalistas e comunistas que continuavam presos. Anunciava ainda que estavam sendo planeadas as formas como se levaria a cabo a depuração dos comunistas, que seria uma meta essencial dos chefes da “revolução constitucionalista”³⁹.

O MOVIMENTO MILITAR NO BRASIL

IMPEDIU UM GOLPE DE ESTADO COMUNISTA QUE ESTAVA

PLANEADO PARA 48 HORAS DEPOIS E QUE PREVIA

O DESENCADEAR DUMA “NOITE SANGRENTA” EM TODO O PAÍS

- Figura 17 -

A inauguração dos atos institucionais como mecanismos governamentais para mobilizar o aparelho repressivo era noticiada pelo *Diário*, que traduzia tais dispositivos autoritários como uma atribuição de poderes especiais, voltados a libertar

38 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 8 abr. 1964. A. 100. N. 35238. p. 1 e 8.

39 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 9 abr. 1964. A. 100. N. 35239. p. 1 e 5.

o Brasil dos comunistas [Figura 18]. De acordo com a folha lisboeta, os chefes militares e os dirigentes políticos da “revolução constitucionalista” haviam promovido tal medida no sentido de permitir a depuração rápida do parlamento, da administração e das forças armadas em relação aos “elementos comunistas”, autorizando os novos governantes a pronunciar a cessação dos mandatos parlamentares ou a privação dos direitos políticos fora de qualquer recurso judiciário. O jornal continuava encarando tais procedimentos como normais, uma vez que teriam se originado de um movimento que visara desembaraçar-se de um governo que, deliberadamente, se dispunha a “bolchevizar” o país. Assim, relatava que os novos governantes teriam poderes para expulsar dos cargos oficiais os “comunistas e filo-comunistas”, suspender as garantias constitucionais, anular os mandatos parlamentares, proibir associações ou partidos políticos e revogar os mandatos do Supremo Tribunal, além de dispor de outros poderes à margem da constituição⁴⁰.

PODERES ESPECIAIS
PARA LIBERTAR O BRASIL DOS COMUNISTAS
FORAM ONTEM ATRIBUÍDOS PELAS FORÇAS
ARMADAS AO FUTURO PRESIDENTE PROVISÓRIO
ATRVÉS DUM “ACTO INSTITUCIONAL”

- Figura 18 -

A suposta normalidade institucional pela qual estaria passando o Brasil, segundo a percepção do *Diário de Notícias*, teria a sua culminância com a escolha do general Castelo Branco, apontado como um dos chefes da “revolução”, para a presidência da república [Figura 19]. Embora tal preferência tenha sido promovida a partir de um depurado congresso nacional, o jornal

40 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 10 abr. 1964. A. 100. N. 35240. p. 1 e 5.

mantinha a linha de garantir cores constitucionais ao acontecimento, passando a descrever dados biográficos do novo empossado no poder, referindo-se a altos feitos militares na campanha da Itália, à época da II Guerra Mundial, tendo sido condecorado por heroísmo em combate, bem como caracterizando-o como um intelectual que poderia conversar acerca de literatura ou de civilizações antigas tão facilmente como sobre assuntos militares. A partir de fontes ligadas ao novo presidente, a folha destacava que ele seria um governante forte e independente, dedicando-se a combater o comunismo e a melhorar as condições de vida dos trabalhadores agrícolas. Ainda no mesmo número, a publicação lusitana anunciava que continuava a depuração dos comunistas e esquerdistas no governo federal e nos governos locais⁴¹.

ELEITO O PRESIDENTE DO BRASIL
O GENERAL CASTELO BRANCO
CONSIDERADO “O CÉREBRO DA REVOLUÇÃO”
OBTEVE A GRANDE MAIORIA DE VOTOS

- Figura 19 -

A escolha de um civil para a vice-presidência, a exigência do corte de relações com Cuba e a continuidade da depuração dos inimigos do regime viriam em conjunto a constituir manchete do *Diário* [Figura 20]. A eleição do mandatário no congresso mantinha a versão do jornal quanto à continuidade de uma suposta ordem institucional no Brasil. No que tange às perseguições políticas, a folha limitava-se a apresentar um rol quantitativo, especificando o número de “oficiais esquerdistas” das três armas que haviam sido passados para a reserva, muitos dos quais tinham relações íntimas com o “regime de Goulart”, bem como o de congressistas

41 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 12 abr. 1964. A. 100. N. 35242. p. 1 e 8.

expulsos pelo “governo revolucionário”. A publicação chamava atenção também para a descoberta feita pela polícia brasileira de um plano de inspiração comunista chinesa para promover uma revolução no nordeste, prevendo, inclusive, a morte de oficiais; relatando ainda que, no Rio de Janeiro, funcionários da embaixada soviética teriam sido vistos queimando papéis e filmes. Noticiava que, por inspiração de poderes legislativos regionais e por tendência do pensamento do “comando supremo da revolução”, tudo indicava que o Brasil romperia relações com Cuba, pois tal ato seria exigido pela opinião pública, devendo o novo governo dar uma satisfação ao povo e confirmar que o objetivo das autoridades era extinguir o comunismo no Brasil⁴².

O CONGRESSO BRASILEIRO

ELEGEU O ANTIGO MINISTRO JOSÉ MARIA ALKMIN

PARA A VICE-PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O CORTE DE RELAÇÕES COM O GOVERNO DE CUBA É EXIGIDO PELAS ASSEMBLEIAS

LEGISLATIVAS DOS TRÊS PRINCIPAIS ESTADOS BRASILEIROS

**FORAM AFASTADOS DAS FILEIRAS PELO COMANDO
DA REVOLUÇÃO 132 OFICIAIS, ENTRE OS QUAIS
21 GENERAIS E ALMIRANTES**

- Figura 20 -

Assim, entre meados de março e de abril de 1964, ou seja, desde o comício que marcou a guinada discursiva do governo João Goulart até efetivação do regime militar com a escolha de um general-presidente, o *Diário de Notícias* apresentou aos portugueses, sob o manto do jornalismo dito informativo, uma versão bem específica dos acontecimentos. As informações e

42 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 13 abr. 1964. A. 100. N. 35243. p. 1 e 5.

opiniões expressas pelo *Diário* tinham significativa repercussão no contexto lusitano, pela longevidade e pelo conceito que o jornal conquistara junto à opinião pública, tratando-se de uma das mais importantes publicações do país naquela época, mantendo, inclusive, no seu cabeçalho o dístico “a maior tiragem e expansão de todos os jornais portugueses”. O periódico lisbonense refletia em suas páginas a própria conjuntura lusa de então, e, ao abordar o Brasil, dava voz aos opositores de Jango e não a seus aliados, defendia, nas linhas e/ou nas entrelinhas, a questão da segurança nacional e da propriedade privada, opondo-se à reforma agrária e denunciando constantemente os riscos do avanço comunista. A folha compactuava com a ideia de que as práticas populistas de Goulart constituíam uma agitação subversiva, fomentada em ideais esquerdizantes e, a partir do golpe, mostraria que o país teria sido “salvo do perigo vermelho”, de modo que a crise fora substituída pela tranquilidade, construindo a imagem de uma transição “normal”, como se não tivesse ocorrido uma ruptura institucional e apoiando os novos detentores do poder, como se ali estivessem legitimamente. Nesse sentido, o centenário *Diário de Notícias* trazia em seu discurso a afinidade com o regime vigente em Portugal e demonstrava as identidades entre os modelos ditatoriais que vigoravam no aquíém e no além-mar.